



UFSM

Artigo Monográfico

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Rosemar dos Santos Cecy

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

SÃO BORJA, RS, Brasil

2007

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUAIS REFLEXÕES DEVEMOS
TER EM MENTE PARA IMPLANTAR UMA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA?**

por

Rosemar dos Santos Cecy

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria em convênio com a Fundação Áttila Taborda – URCAMP – Campus de São Borja/RS, como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos.**

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

SÃO BORJA, RS, Brasil

2007

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação - Especialização em Educação Especial:
Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o
Artigo Monográfico de Especialização

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUAIS REFLEXÕES DEVEMOS
TER EM MENTE PARA IMPLANTAR UMA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA?**

elaborada por
Rosemar dos Santos Cecy

como requisito parcial para obtenção do grau de
***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos***

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Maria Alcione Munhoz
(Orientadora)

Prof^a Michele Quinhones Pereira
Examinadora

Prof^a Dr^a Soraia Napoleão Freitas
Examinadora

Prof^a Andréa Tonini
Suplente

São Borja, outubro de 2007

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos.
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUAIS REFLEXÕES DEVEMOS TER EM MENTE PARA IMPLANTAR UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA?

AUTOR: ROSEMAR DOS SANTOS CECY
ORIENTADORA: PROFESSORA MESTRE MARIA ALCIONE MUNHOZ
São Borja, 05 de outubro de 2007

O presente artigo traz uma reflexão sobre a educação inclusiva, tendo como objetivo principal a compreensão em torno das diferenças, bem presentes no dia-a-dia da escola e o desafio de se promover uma transformação estrutural e organizacional de nossas escolas. Implantar novas propostas pedagógicas, onde a educação caracteriza-se pelo princípio educacional que defende a diversidade na sala de aula, onde todos tenham o direito de aprender é o ponto principal de nossa reflexão. O nosso desafio é construir e pôr em prática uma pedagogia que consiga ser válida a todos os alunos da classe, e ao mesmo tempo atender a cada um em sua diferença e necessidade. Para tanto algumas reflexões tornam-se importantes neste processo de construção da educação inclusiva.

Palavras - chaves: educação especial, ação pedagógica, inclusão escolar

ABSTRACT

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos.
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

INCLUSIVE EDUCATION: WHICH REFLECTIONS WE MUST HAVE IN MIND TO IMPLANT UMA INCLUSIVE EDUCATION?

AUTOR: ROSEMAR DOS SANTOS CECY
ORIENTADORA: MARIA ALCIONE MUNHOZ
São Borja, 05 de outubro de 2007

The present article brings a reflection on the inclusive education, having as objective main the understanding around the differences, property in possession in day-by-day of the school and the challenge of if promoting a structural and organizational transformation of our schools. To implant new proposals pedagogical, where the education is characterized for the educational principle that defends the diversity in the classroom, where all has the right to learn is the main point of our reflection. Our challenge is to construct and to put in practical a pedagogic that obtains to be valid to all the pupils of the classroom, and at the same time to take care of to each one in its difference and necessity. For in such a way some reflections they become important in this process of construction of the inclusive education.

Words - keys: special education, pedagogical action, pertaining to school inclusion

EDUCAÇÃO INCLUSIVA – QUAIS REFLEXÕES DEVEMOS TER EM MENTE PARA IMPLANTAR UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA?

A escola regular, nas últimas décadas, vem sendo desafiada a conseguir uma forma melhor e equilibrada, que seja capaz de proporcionar uma aprendizagem comum a todos os alunos, ao mesmo tempo em que respeite as especificidades e necessidades individuais.

Um dos fatores mais importantes para uma educação de qualidade é o reconhecimento à diversidade, porém, ao mesmo tempo, sabemos que não é algo fácil de alcançar. Exige do professor uma ação reflexiva sobre nossa atuação como profissionais.

Atualmente, de maneira gradativa, a educação inclusiva vem avançando. Em 1988, a Constituição Brasileira já definia no artigo 208 como dever do Estado “o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente, na rede regular de ensino [...]” e outras leis e resoluções que foram surgindo.

No entanto, tais avanços, tornaram-se mais significativos após a conferência mundial de 1994, sobre Necessidades Educacionais Especiais. A partir desta conferência, houve uma preocupação com todos os tipos de pessoas que se encontravam excluídas da escola: pobres, negros, alunos com déficits de toda ordem, permanentes ou temporários, entre outros.

Este movimento foi denominado de Inclusão, e vem influenciando as políticas e desafiando as comunidades em todo o mundo. A Lei nº 9.394/1996, Lei de Diretrizes da Educação Nacional dispõe de um capítulo voltado para a educação especial, garantindo a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em escolas regulares.

Os caminhos educacionais para a inclusão estão se abrindo. Com muitas dificuldades e barreiras, mas que, gradativamente estamos nos empenhando para transformar a escola em uma escola para todos.

Embora haja barreiras, temos que perceber que a inclusão é uma possibilidade de aperfeiçoamento da escola e que traz benefícios a todos os alunos.

Torna-se essencial, que a escola se organize, com respaldo de políticas públicas, e busque meios próprios de acolher e atender a todos os alunos.

Afirma Mantoan (2003, p. 17),

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos.

A educação inclusiva nos propõe atender a todos os alunos, de forma indiscriminada. As políticas sociais e educacionais nos dizem isso. Mas para que aconteça, a escola deve estar aberta à diversidade, revertendo o nosso modo de pensar e de fazer educação, de como planejar e avaliar o nosso ensino. E principalmente, aprender a trabalhar com as diferenças humanas. E isto é algo bem abrangente e implica em construção social, política, histórica e lingüística. Sabendo-se destes conceitos, devemos refletir ao pensarmos nesta inclusão escolar de pessoas com necessidades educacionais especiais. Contemplar essas crianças, jovens ou adultos com um projeto educacional de qualidade para todos, onde todos aprendam dentro de suas possibilidades e diferenças.

Este é o grande desafio da educação hoje. Trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais sempre demonstrou ser um grande desafio para os profissionais da área da educação.

Ao longo da história pareceu ser mais fácil ignorar sua existência e delegar a responsabilidade aqueles “piedosos” grupos de educadores que, “especiais” se lançavam ao desafio.

Com o passar dos anos, de certa forma, a sociedade tomou consciência do papel das pessoas com deficiência e com necessidades especiais, de suas condições de acesso a todo e qualquer lugar, a uma representação consciente e cidadã e como possuidores de direitos e deveres, como indivíduos pertencentes a uma sociedade democrática.

Como não poderia deixar de ser, a educação também se encontra presente nessas mudanças. Seu papel de facilitador de acesso aos códigos de mecanismos de comunicação e expressão, ao código de leitura e escrita propriamente dito e do acesso ao conhecimento, foi respaldado no processo de inclusão que urge nas escolas. O processo de inclusão, basicamente, propõe que todos os indivíduos devam interagir em todas as situações, beneficiando-se do mesmo momento de aprendizagem, mas respeitando-se suas necessidades particulares.

Incluir não é somente delegar ao aluno um espaço físico em sala de aula, é propor a este aluno atividades significativas capazes de promover seu desenvolvimento e remover as barreiras a seu acesso e participação na aprendizagem e na sociedade. Ressalvando (mas não ressaltando), sempre, que todos podem apresentar dificuldades em alguma área do conhecimento ou etapa da vida. As limitações existem em qualquer sujeito, o que não significa que não possa ser um sujeito participativo ou capaz de aprender.

Estamos cientes da necessidade e urgência de se enfrentar o desafio da inclusão escolar e de colocar em prática os meios que levem a concretizar essa inclusão. E isso precisa que ser feito já, promover uma reforma estrutural e organizacional de nossas escolas, é o primeiro passo a ser dado. Novas propostas, novas metodologias, novas posturas, que ofereçam condições de aprendizagem a qualquer aluno.

Como nos diz Mittler (2003, p. 15),

Esse conceito de inclusão envolve um repensar radical da política e da prática e reflete um jeito de pensar fundamentalmente diferente sobre as origens da aprendizagem e as dificuldades de comportamento. Em termos formais, estamos falando sobre uma mudança da idéia de defeito para um modelo social.

Não podemos mais pensar em um sistema de políticas especiais voltado apenas para pessoas com necessidades educacionais especiais, num modelo de segregação e exclusão.

É fundamental organizar a escola para a eliminação das barreiras, o fortalecimento das relações entre a escola e a família, o atendimento a todos os alunos dentro da escola e na comunidade, tendo como princípio básico os direitos humanos e pela proposta pedagógica de que todos podem aprender.

Alunos com habilidade abaixo da média são muito mal servidos por nosso sistema educacional. Aquele que é menos capaz academicamente continua a sofrer as conseqüências de quaisquer que sejam os problemas agudos ou crônicos que afetam o sistema educacional.

As escolas também são culpadas por terem baixa expectativa quanto ao aproveitamento dos alunos e, além disso, por aceitarem com facilidade que as crianças pobres ou com dificuldades serão aquelas que mais provavelmente não terão um bom desempenho na escola. Temos que levar em conta sim, que crianças

que vivem em desvantagem social e econômica, podem apresentar mais dificuldades, principalmente, por não terem acesso a certas ferramentas que o ajudariam a desenvolver suas habilidades. Mas, não podemos decretar antecipadamente seu fracasso. Temos que, dar condições a estas crianças para que iniciem o processo e não fiquem em desvantagem em relação às outras crianças.

A educação inclusiva pode ser definida como: “A prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitas” (STAINBACK & STAINBACK, 1999, p. 21).

A qualidade da educação está na capacidade de satisfazer as necessidades educacionais de todos os alunos, ou seja, diversificar e ajustar a ação educativa às características individuais de cada aluno.

Inúmeros e complexos são os desafios à inclusão escolar, pois implica mudança de paradigma e esta deve ter como objetivo principal a construção de uma escola acolhedora, levando em conta o acesso, ingresso e permanência dos alunos na escola. Por tanto, precisamos refletir acerca desse processo.

Segundo Lúcia de Araújo Ramos Martins, Prof^a Dr^a do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), não basta inserir o aluno fisicamente na escola. É imprescindível:

- que seja adotado, pelo governo, efetivamente, políticas inclusivas;
- buscar formas que contribuam para mudar a escola, tornando-a receptiva às necessidades de todos os alunos;
- ajudar os professores a refletir e aceitar a sua responsabilidade quanto à aprendizagem dos alunos, levando em conta a individualidade de cada um;
- propiciar o envolvimento dos vários elementos que constituem a escola no processo inclusivo – onde todos que ali trabalham sejam sensibilizados a respeitar as diferenças;
- possibilitar que os alunos com necessidades especiais, efetivamente, possam se sentir parte integrante daquele ambiente escolar.

Diante disto, podemos afirmar que os recursos físicos e materiais, não são os mais importantes, sabemos que são necessários, mas imprescindível é a mudança

de atitudes, de novas formas de atuação e interação na escola. Pensando em uma pedagogia centrada no aluno, que respeite a dignidade e as diferenças humanas.

No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola. Isso inclui políticas adequadas, flexibilização e adaptação dos currículos, mudança nas avaliações, prover condições para o atendimento às necessidades dos alunos. Tudo descrito com clareza no Projeto Político Pedagógico da escola. O objetivo de tal reforma é garantir o acesso e a participação de todos os alunos em todas as possibilidades e oportunidades oferecidas pela escola e impedir a segregação e o isolamento, beneficiando a todos os alunos.

Devemos encontrar estratégias de ajustar a educação e o ensino com as características individuais de cada um. O reconhecimento e o respeito pela diversidade é a afirmação que a vida se amplia e se enriquece na homogeneidade, na pluralidade. Diante disso a escola necessariamente deve implantar algumas ações importantes:

- Estruturas e organização do ensino (elaboração e implementação do Projeto Político Pedagógico da Escola).
- Ordenação curricular do ensino (importância do ensino individualizado – Salas Multifuncionais).
- A ação educativa / docente em sala de aula.

Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra a exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para os indivíduos. É oferecer desenvolvimento da autonomia, através da elaboração de pensamentos e formulação de juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Na realidade, ao percebermos os múltiplos aspectos que influenciam no comportamento do sujeito em relação com o meio em que vive no decorrer de seu desenvolvimento, o ato de incluir supõe uma superação dos preconceitos, modificação de atitudes e organização de metodologias de trabalho em conjunto com o conhecimento científico. Portanto, a discussão acerca da inclusão não mais pertence somente no que diz respeito ao Sistema Educacional e, sim, das propostas que viabilizam um atendimento respaldado na qualidade que a própria educação exige.

Há algum tempo pensava-se, no que diz respeito à questão da inclusão, de quem era a competência. Se esta era dos gestores dos órgãos governamentais, cuja finalidade era responder aos questionamentos dos educadores ligados à área da Educação Especial ou se era dos próprios educadores, que na prática cotidiana legitimam suas atividades de acordo com suas crenças pessoais, sua concepção de educação, sua filosofia de trabalho, considerando que seja mais justa e eficaz. Acredita-se que estes fatores estejam ligados numa evolução crescente, a fim de responder as propostas educacionais que melhor atendam a comunidade escolar.

Para promovermos a aprendizagem e a participação, temos que ter em mente que todos os alunos enquanto seres em processo de crescimento e desenvolvimento, vivenciam a aprendizagem conforme suas diferenças individuais. Qualquer aluno, com necessidades educacionais especiais ou não, encontrará barreiras na sua aprendizagem, tornando-a uma experiência desagradável, se não estiver motivado e, se esta não tiver nenhum significado para ele.

Em sala de aula, muitas dificuldades poderão ser superadas, se o professor tiver criatividade e boa vontade, quando este se percebe um profissional da educação e não apenas alguém que se formou para dar aulas.

A inclusão é uma mudança de paradigmas. Isso significa que, temos que estudar, entender e praticar a inclusão. E isso nos desacomoda, pois, nos faz repensar concepções até então tidas como as corretas, que davam certo.

Desse modo, afirma Montoan (2004, p. 79) em Caminhos Pedagógicos da Educação Especial, “Ensinar é, de fato, uma tarefa complexa e exige dos professores conhecimentos novos que muitas vezes contradizem o que lhes foi ensinado e o que utilizam em sala de aula.”

E para que isto se concretize, basta termos uma mudança de atitude em relação ao outro. O outro que é um ser humano, que chegou até nós para compartilhar o conhecimento e que merece ser incluído, tendo suas deficiências ou não, pois isso é cumprir com o nosso dever, da ética, da justiça e de acesso à educação.

Sanchez e Romeu (1996, p. 69) afirmam que,

...o professor requer uma série de estratégias organizativas e metodológicas em sala de aula. Estratégias capazes de guiar sua intervenção desde processos reflexivos, que facilitem a construção de uma escola onde se favoreça a aprendizagem dos alunos como uma reinterpretação do conhecimento e não como uma mera transmissão da cultura.

O professor, para favorecer a aprendizagem de qualquer aluno, deve ter conhecimento do processo de desenvolvimento humano e suas relações com a aprendizagem, bem como saber o que é o processo de aprendizagem e como ele acontece.

Tornar a aprendizagem interessante e útil é uma das formas de superar dificuldades. Conhecer os interesses dos alunos para tornar a aprendizagem prazerosa. Uma boa forma é ouvir os alunos, ter aquele momento diário de ouvir o que eles trazem em sua bagagem.

A flexibilização é outro fator importante para a aprendizagem. Quando este percebe que os alunos demonstram interesse por algo que ele não planejou. Modificar planos e atividades à medida que as reações dos alunos vão mostrando seus interesses. Assim tornará sua aula mais interessante sem o risco de criar desatenção e desinteresse pelo conteúdo. Isso é mudança de olhar, de atitude.

A inclusão não depende somente do Sistema Educacional, mas principalmente de tornarmos nossa escola aberta à diversidade, consciente de suas funções sócio-políticas e pedagógicas que valoriza a democracia. Mais importante que perceber a escola como um espaço de transmissão de conteúdos é percebê-la como um espaço privilegiado de formação e de um exercício da cidadania.

É claro que, o Sistema que permite espaços físicos favoráveis, material didático de qualidade, respaldo técnico aos educadores, possibilidade de capacitação aos mesmos e respeito sobre os direitos dos sujeitos, estará mais repleto de profissionais qualificados.

A postura do educador perante a diversidade de seus alunos, oferecendo oportunidades de construção do conhecimento e respeitando o ritmo próprio de cada um, pode ser considerado um primeiro patamar para a superação do preconceito. Porém, esta postura não advém somente da prática cotidiana. Deve estar interligada a um conhecimento científico que revela o desenvolvimento da criança nos níveis afetivos, cognitivos e sociais e, suas respectivas relações com os processos de aprendizagem de cada sujeito. Tal conhecimento vislumbra um sujeito movido pelo desejo de conhecer, através da construção contínua e dinâmica de estruturas mentais atuando sobre si mesma e o ambiente social.

O conhecimento científico permite ao educador a sua própria competência, ou seja, ressignificar o currículo de acordo com seu alunado e o contexto histórico-

social, adequar um planejamento flexível ao grupo e a cada aluno em sua singularidade, utilizando-se de metodologias eficazes.

A formação de educadores, numa idéia prospectiva, deve firmar-se numa transformação: a passagem de uma atenção centrada numa pequena percentagem de alunos considerados como tendo dificuldades de aprendizagem para uma atenção que engloba todos os alunos. Os educadores devem concentrar seus esforços na melhoria da forma como enfrentam a diversidade, cuja educação deve objetivar ajudar todos os alunos a terem sucesso na escola (sociedade), incluindo os que têm de ultrapassar deficiências ou dificuldades específicas.

A escola inclusiva é aquela que se organiza para atender todo seu alunado. E o seu principal pré-requisito não reside nos recursos materiais, já difíceis de serem obtidos, por falta de recursos financeiros. O principal suporte está na filosofia da escola, no seu Projeto Político Pedagógico e Regimento, na existência de uma equipe multidisciplinar eficiente, no preparo e na metodologia do corpo docente.

Para tanto, a educação especial deve ser aliada na pesquisa e no desenvolvimento de novas formas de se ensinar, considerando a heterogeneidade dos alunos e compatíveis com idéias democráticas, na função de orientação, supervisão e acompanhamento das condições educacionais apropriadas. Em escolas eficazes para todos, existe um ambiente de colaboração, onde o trabalho é baseado no enriquecimento de intercâmbios intelectuais e culturais. Para que o professor trabalhe nesse ambiente ideal faz-se necessário apoio emocional e estímulos profissionais através da valorização docente e capacitação contínua, também, função da Educação Especial.

Certamente, a educação tem hoje o grande desafio de ressignificar suas práticas e que nos leva a pensar a educação inclusiva como um movimento de toda a educação e não somente da educação especial.

Sendo uma questão de respeito ao direito à educação, a educação de alunos com necessidades educacionais especiais deve estar baseada em princípios como:

- A preservação da dignidade humana;
- A busca da identidade;
- O exercício da cidadania.

Esse direito, deve ser analisado e avaliado a partir de uma concepção de uma educação plena, significativa, justa, participativa, sem as restrições impostas pela beneficência e a caridade, sem a obsessão curativa, através da qual se apagam as

singularidades. Para que possa oferecer uma aprendizagem de qualidade, com respeito às diferenças, a proposta pedagógica deve assegurar um conjunto de recursos e serviços educacionais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e até substituir os serviços educacionais comuns, garantindo o atendimento às necessidades da diversidade humana.

Os professores, a equipe pedagógica e a comunidade escolar comprometidos para garantir a inclusão escolar e desenvolver plenamente o sujeito. A inclusão demanda não apenas a matrícula do aluno ou permanência física numa sala de aula, mas representa a possibilidade de revermos concepções e paradigmas, num profundo respeito pelas diferenças.

Atender às diferenças, atender às necessidades especiais, ressignificar, mudar o olhar da escola, oferecendo não a adaptação do aluno, mas a adaptação do contexto escolar aos alunos. Isso significa oferecer-lhes ricas experiências e possibilidades, pronto para viver e conviver com o diferente, rompendo barreiras e preconceitos, criando novos conceitos, dando novos sentidos, ressignificando a aprendizagem e, em consequência o desenvolvimento da pessoa humana.

A educação inclusiva, não focaliza a deficiência, mas preocupa-se com o ensino e a escola, bem como com as formas e as condições de aprendizagem. O professor, sendo o profissional da aprendizagem tem o compromisso com o processo de desenvolvimento de seus alunos. Sendo assim, podemos afirmar que os problemas não estão nos alunos, mas no tipo de resposta educativa e de recursos e apoios que a escola possa propiciar que atenda as necessidades, que minimizem as incapacidades e que não coloquem o aluno em desvantagem. A escola deve se organizar se adaptar aos alunos, sendo flexível, respeitando seu caminhar próprio e favorecendo seu progresso escolar.

Como afirma Carvalho (2004, p. 70),

Pensar em respostas educativas da escola é pensar em sua responsabilidade para garantir o processo de aprendizagem para todos os alunos, respeitando-o em suas diferenças. Mas para reconhecer e assumir a diversidade há que desalojar o estatuído e refletir em termos de certo paradoxo na percepção do outro, na medida em que o reconhecemos diferente, diverso, único, mas, ao mesmo tempo, igual, semelhante (em direitos, deveres, anseios, necessidades e em valor).

Precisamos estar conscientes e comprometidos com a causa, identificar barreiras que estejam dificultando ou impedindo o processo educativo. As barreiras

atitudinais são as mais comuns na escola, pois os professores não se sentem preparados para trabalhar com as dificuldades de aprendizagem oriundas de diversos fatores. Muitos querem passar essa responsabilidade para os especialistas, técnicos, etc.

Os que toleram, em geral, cumprem ordens superiores e transformam a presença do aluno em algo penoso, que pode ficar mais excluído do que se estivesse em escolas especiais.

A inclusão não se efetiva por decreto, mas por ações que possibilitem sua viabilidade e pela disposição das pessoas em aceitar a diversidade como condição inerente a sociedade. O professor necessita sim de apoio, mas está na hora de revermos nossos conceitos e nos percebermos como profissionais da educação. Cabe a cada estabelecimento educacional avaliar sua realidade, suas necessidades e programar serviços alternativos que venham a favorecer a aprendizagem dos alunos. São consideradas possíveis alternativas de apoio à inclusão:

- A sala de recursos: atuação de professores especializados, que suplementa ou complementa o atendimento educacional às necessidades educacionais dos alunos, no contexto da própria escola ou em escola próxima àquela na qual o aluno freqüenta turma de ensino regular.
- Atendimento com professor itinerante (intra e interescolar): serviços de orientação e supervisão para professores e alunos, para apoios necessários à aprendizagem, à locomoção e à comunicação.
- Atendimento com professores intérpretes (língua de sinais e código Braille): para alunos surdos e para alunos cegos, respectivamente.
- Adaptações curriculares.

Há também atendimentos implementados fora do ambiente escolar:

- A classe hospitalar: para atender alunos impossibilitados de freqüentar a escola razão de tratamento de saúde, que implique tratamento prolongado.
- Atendimento educacional em ambiente domiciliar: para atender o aluno impossibilitado de freqüentar as aulas em razão de tratamentos domiciliares.

Os professores devem ser flexíveis para responderem aos desafios de apoiarem aos alunos com dificuldades para aprender e nas atividades da escola, com o compromisso de acontecer o ensino inclusivo, com espontaneidade e a

coragem de assumirem os riscos, fazendo um trabalho em equipes, desenvolvendo novas estratégias e promovendo a educação para todos os alunos.

Para que haja um progresso contínuo é necessário preparar a equipe para trabalhar de maneira cooperativa e compartilhar conhecimentos com espaços para estudos.

A realização das ações pedagógicas inclusivas requer um comprometimento de todos os envolvidos neste processo. Refletindo sobre essas práticas para garantir a inclusão:

- A escola parte da crença que cada aluno tem o direito à educação, independente de sua deficiência.
- A comunidade escolar está comprometida em desenvolver o respeito mútuo e a valorização das diferenças.
- A equipe pedagógica cria um ambiente de trabalho que apóia os professores, pais e alunos.
- Estimula os alunos com necessidades educacionais especiais a participarem plenamente de todas as atividades da escola, inclusive as extracurriculares.
- A escola está preparada para modificar os sistemas de apoio para os alunos, caso as necessidades mudem.
- Na escola inclusiva, os pais são considerados parte da comunidade escolar, aceitando sua participação e sugestões de melhorias.
- Contempla os alunos com necessidades educacionais especiais com um currículo escolar pleno e flexível, sujeito a mudança, caso seja necessário.

Se quisermos ter uma escola democrática com uma educação para todos, acolher a todos e proporcionar a aprendizagem para todos. E este é um grande motivo para que a educação tome novos posicionamentos e para que os professores aperfeiçoem suas práticas.

Essa tarefa não é tão difícil quanto possa parecer, pois a maioria dos professores já tem muito do conhecimento e da habilidade que precisam para ensinar de forma inclusiva. O que lhes falta é confiança em sua competência e no aluno que está sob sua responsabilidade.

Criar oportunidades para capacitar professores é importante, pois estes precisam sentir-se seguros em relação à inclusão, precisam de oportunidades para refletir sobre as propostas de mudança que mexem com seus valores e com suas convicções, assim como com suas práticas profissionais.

É importante que a inclusão não seja vista apenas como uma outra inovação, mas uma inovação que tem um sentido, o de garantir o direito de todos à educação. E este movimento deve nos levar as reflexões necessárias para praticarmos a educação na diversidade, considerando-a um instrumento redutor de desigualdades e preconceitos existentes na sociedade.

Fazer da escola um espaço de mudanças, é a nossa meta, pois sabemos que não são os especialistas, nem os métodos de ensino que garantem uma educação de qualidade para todos os alunos, mas é necessário um esforço efetivo e coletivo, visando transformar a escola e melhorar a formação de professores para trabalhar com a diversidade na sua sala de aula.

Nesta visão, a inclusão é percebida como uma responsabilidade coletiva da comunidade escolar, onde todos são responsáveis pelo êxito ou fracasso de cada aluno. Todos têm muito a aprender com a inclusão e também têm muito a contribuir, visando o aperfeiçoamento do processo educacional inclusivo e, em especial para a redução de obstáculos e barreiras que possam impedir a educação inclusiva.

A prática da inclusão reflete uma luta pela educação para todos, que faz parte de um processo maior, ainda que seja a luta pelo reconhecimento de igualdade de valores e direitos entre os seres humanos. Por isso é amplo e exige que todos que fazem parte da sociedade se engajem nesta luta com compromisso e responsabilidade, quebrando preconceitos e principalmente adquirindo uma profunda mudança de atitudes perante o outro.

É a ação conjunta entre escola e sociedade que facilita transformar essa realidade, pois é uma questão de direitos humanos.

Na escola inclusiva, a pedagogia está centrada no aluno, o que significa que a escola consciente de sua função, coloca-se a disposição do aluno, acomodando a todos os alunos, aqueles que apresentam necessidades educacionais especiais, aqueles que apresentam necessidades temporárias ou permanentes, os repetentes, os que vivem em extrema pobreza, os que são vítimas de abuso, os que apresentam condutas típicas e outros, pois a inclusão não se aplica apenas aos alunos que apresentam alguma deficiência.

Quando a escola tem convicção de que todos os alunos podem aprender e têm esse direito, o aluno também acredita na escola e, portanto, tem progressos significativos, pois o principal é sentir-se acolhido pela escola, o que eleva sua auto-estima, dando respostas positivas. E só se consegue atingir esse progresso, quando

a escola assume que as dificuldades dos alunos não são somente deles, e se propõe adequar suas práticas, colocando-se a disposição deste aluno.

E isto não é fácil, mas também, não é impossível, quando temos consciência de nossa tarefa como profissionais da educação. No cotidiano da sala de aula, muitas estratégias poderão ser usadas para incluir estes alunos.

Objetivar práticas mais cooperativas e menos competitivas para que todos se sintam capazes, estabelecendo rotinas na sala de aula e na escola em que todos recebam apoio necessário para participarem de forma igual e plena. Assim o professor garante que todas as atividades da sala de aula tenham a participação de todos ativamente, inclusive daqueles que apresentam necessidades educacionais especiais.

É necessário também, que sejam infundidos valores positivos no sistema escolar, de respeito, de solidariedade, de cooperação, etc.

Priorizar a qualidade de ensino através da flexibilização para responder aos desafios de apoiar alunos com dificuldades para aprender, com o compromisso de fazer o ensino inclusivo acontecer, torna o professor eficiente em sua tarefa de ensinar. Também traz bons resultados adotar várias abordagens de ensino, para trabalhar com alunos de diferentes níveis de desempenho, reavaliando as práticas e determinando as melhores maneiras possíveis de promover a aprendizagem para se adquirir resultados desejáveis.

O que vale é a criatividade e a disposição para aprender com os desafios, que inevitavelmente surgem quando as novas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento se apresentam. Estar aberto às mudanças, rompendo paradigmas e mantendo-se em constante atualização educacional, estaremos criando e garantindo uma educação de qualidade para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente que o caminho a percorrer é longo e cheio de barreiras para que as escolas tornem-se verdadeiramente inclusivas, pois o preconceito e a rejeição, ainda estão bem presentes. Mas está na hora de enfrentarmos esses desafios, onde a maior deles é entender as diferenças para podermos definir bases e diretrizes de humanização, pois já vimos que a riqueza da vida não está na homogeneidade, mas na pluralidade que valoriza a identidade dos sujeitos.

Como professores, profissionais da educação estamos sendo chamados a mudar nossa maneira de ensinar para desenvolver a interdependência em nossos alunos. Não podemos ser coniventes com um padrão educacional, onde todos devam possuir o mesmo ritmo para aprender. Temos que ter em mente que, cada ser é único, que faz parte de um grupo e de um lugar. E que, nós professores, devemos proporcionar espaços, onde cada um desenvolva, individualmente, habilidades e conhecimentos necessários para que viva de forma produtiva, continuamente, acompanhando as mudanças do mundo. Não podemos ver as diferenças como um problema, nem acreditar que as diferenças em relação à aprendizagem são dificuldades que necessitem ser trabalhadas, melhoradas, para que os alunos possam estar nivelados para a aprendizagem. Essa visão, pode ser uma barreira, prejudicando o processo de inclusão nas salas de aula. Nosso compromisso é promover valores e oportunidades de aprendizagem inclusivas para todos os alunos.

Para que a inclusão aconteça efetivamente em nossas escolas, as diferenças presentes nas salas de aula devem ser reconhecidas como um recurso positivo para o ensino-aprendizagem que tem como foco o respeito mútuo, o trabalho em equipe e a cooperação de todos. O aluno deve aprender que, dentro de uma comunidade,

precisamos uns dos outros, cada um com a sua singularidade, fazendo parte de um todo.

Contudo, não podemos ignorar que vivemos um processo de mudança que é, ao mesmo tempo, político, social, econômico, pedagógico e histórico e, isso o torna lento. Embora cientes das dificuldades, continuamos no empenhando para que a educação inclusiva aconteça. Nos organizando na escola, com salas de recursos, com profissionais capacitados, com especialistas, com modo de reflexões em equipe.

Porém, sabemos que ainda faltam muitas questões a serem discutidas e resolvidas, para que a escola, como principal lugar de formação para a cidadania possibilite que todos tenham espaço na caminhada do aprender e tornar-se cidadão, revendo posturas e construindo uma nova forma de ensinar.

REFERÊNCIAS

BERSCH, Rita. Educação Inclusiva ou Integração Escolar? Implicações Pedagógicas dos conceitos como rupturas paradigmáticas. In: **Ensaio Pedagógicos**. III Seminário Nacional de Formação de Gestores e Educadores – Educação Inclusiva: direito à diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Gráfica e Editora Ideal Ltda, 2006, p. 89.

BEYER, Hugo Otto. Educação Inclusiva ou Integração Escolar? Implicações Pedagógicas dos conceitos como rupturas paradigmáticas. In: **Ensaio Pedagógicos**. III Seminário Nacional de Formação de Gestores e Educadores – Educação Inclusiva: direito à diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Gráfica e Editora Ideal Ltda, 2006, p. 85.

Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Adaptações Curriculares – estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais**. Brasília, MEC/SEF/SEESP, 1999.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

GAIO, Roberta; MENEGHETTI, Rosa G. Krob. (Orgs). Caminhos pedagógicos da Educação Especial. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; PIRES, José; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de. (Orgs) **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MITTLER, P. **Educação Inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre, Art Méd, 2003.

ROTH, Berenice Weissheimer (Org). **Experiências Educacionais Inclusivas: programa educação Inclusiva: direito à diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

SANCHEZ, P. A. & ROMEU, N. I. **Processos de enseñanza-aprendizaje ante las necesidades educativas especiales.** Málaga: Aljibe, 1996.

STAINBAK, S. & STAINBACK, W. **Inclusão – um guia para educadores.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.